

REVISTA PIAUÍ: A CARNAVALIZAÇÃO NO JORNALISMO LITERÁRIO

JONATHAS COTRIM*

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 19 jul. 2021. Aprovado em: 2 mar. 2022.

Como citar este artigo: COTRIM, J. Revista *piauí*: a carnavalização no jornalismo literário. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 22, n. 1, p. 86-99, jan./abr. 2022. doi: 10.5935/cadernosletras.v22n1p86-99

Resumo

O presente artigo busca analisar a revista *piauí* como representante do jornalismo literário no Brasil, de modo a compreender de que forma os conceitos de carnavalização propostos por Mikhail Bakhtin se fazem presentes no jornalismo literário, um gênero marcado justamente pelo intercruzamento entre discursos de duas áreas distintas.

Palavras-chave

Carnavalização. Jornalismo literário. Revista *piauí*.

* E-mail: jonathas_cotrim@mackenzie.br
 <https://orcid.org/0000-0002-7165-5325>

INTRODUÇÃO

A revista *piauí* é uma premiada revista brasileira em circulação mensal desde 2006, mas que, ao contrário de outros veículos de comunicação, não possui uma linha editorial bem definida: o foco é a narratividade do incomum, com um olhar para aquilo que é singular, diferenciado (BALTAZAR, 2017). A ideia é uma busca por um texto mais fluido, de reportagens de apuração mais detalhada, com maior tempo de produção, de fôlego, uma narratividade diferenciada, mesmo que para isso seja necessário quebrar algumas das regras convencionais do jornalismo, de textos curtos, breves, de apuração imediata e prática (sem muita necessidade de sair da redação), cujo interesse são os fatos cotidianos e imediatos.

Quando se analisa a revista *piauí*, é possível lançar um olhar sobre o interdiscurso e o dialogismo entre os discursos jornalísticos e literários. Como afirma Baltazar (2017, p. 2854), pode-se classificar a publicação como jornalismo literário, pois “as práticas discursivas em *piauí* permeiam tanto a Literatura quanto o Jornalismo, de forma ampla e aberta ao diálogo”. Dessa forma, a publicação vive em uma constante troca discursiva, já que a sua escrita converge tanto para o jornalismo quanto para a literatura, permitindo uma interação discursiva, de modo que é possível incluí-la nessa qualidade de jornalismo literário.

Este trabalho pretende lançar um olhar que vá além do intercâmbio discursivo que permitiria colocar a revista na ambivalência entre o jornalismo e a literatura, no gênero híbrido chamado jornalismo literário. A ideia aqui é analisar de que forma a revista, em sua busca pelo olhar singular, promove um destronamento e deslocamento de questões diversas ou propicia uma ascensão de temas ou personagens que são pouco falados ou até mesmo desconhecidos. O objetivo é evidenciar como a *piauí*, ao narrar acontecimentos sob a forma de perfis, artigos ou reportagens, promove questionamentos importantes que podem procurar desqualificar discursos políticos e sociais circulantes no Brasil e no mundo, com uma busca por evidências práticas, pensamentos, discursos e situações considerados extraordinários.

O presente artigo irá analisar de que forma o conceito de carnavalização, como proposto por Mikhail Bakhtin, contribui para esse destronamento de conceitos que podem ser considerados caros para certas camadas da população brasileira, ao mesmo tempo que traz à tona ideários que não estão evidentes e que poderiam passar despercebidos, caso não fossem investigados.

A carnavalização, tal como pensado pelo pensador russo, promove a redução das distâncias entre níveis hierárquicos, um relaxamento da ordem social posta, além de um rebaixamento e uma ascensão de figuras e discursos, em um processo ambivalente (BAKHTIN, 2008), já que é uma forma de leitura literária que vive uma transposição com a linguagem carnavalesca.

A ideia é procurar evidenciar de que forma a publicação contribui para esse deslocamento de olhar: como o discurso de políticos pode ser rebaixado por meio de apuração jornalística, ou seja, como um ato de fala de alguma figura política, que está em busca de colocar em prática seu projeto de poder, é confrontado com uma realidade distinta daquilo que se pretende circular na sociedade, a partir da narração apresentada na reportagem. Tal como acontece no Carnaval, quando políticos são ironizados em bonecos e máscaras, uma reportagem bem apurada pode promover um olhar que coloque em descrédito certas opiniões comuns no meio político brasileiro.

Para tanto, este trabalho utilizará a reportagem “Terra desolada: o que o Brasil deixou para trás no Haiti”,¹ matéria escrita pelo repórter Fabio Victor para a edição de agosto de 2019. O jornalista esteve no Haiti para investigar a atuação do Exército brasileiro que comandou em 2004, a pedido da Organização das Nações Unidas (ONU), uma missão para pacificação e estabilização política no país caribenho, que vivia mergulhado em uma onda de violência e diversos conflitos políticos. Ao contrário do que é pregado pelas Forças Armadas brasileiras, a missão brasileira deixou um rastro de hostilidade, com diversas medidas questionáveis, batalhas agressivas com uso de força desproporcional, abuso de poder e muitos outros problemas (VICTOR, 2019).

Com isso, a reportagem teve a intenção de mostrar que a atuação das Forças Armadas brasileiras no Haiti não foi tão benéfica e que o Exército teve um papel controverso, ao contrário do que foi divulgado aqui no Brasil, onde circulou a ideia de que havia sido uma campanha de sucesso e um exemplo da capacidade de estratégia e gestão militares. Esse fato levou diversos generais, que estiveram à frente da missão, a se tornarem ministros do governo do presidente Jair Bolsonaro, que, desde que assumiu o poder em janeiro de 2019, colocou diversos representantes das Forças Armadas na chefia de cargos importantes do Poder Executivo nacional.

¹ Apesar de a reportagem ter saído na edição 155 da revista física, que circulou em agosto de 2019, para este artigo foi utilizada a versão *on-line* da reportagem.

JORNALISMO PODE SER LITERATURA?

Antes de prosseguirmos com a conceitualização da carnavalização da literatura, é necessário responder a duas questões importantes:

- Um produto jornalístico pode ser analisado como se fosse um produto literário?
- Como podemos observar os efeitos da linguagem carnavalesca em algo que não seja literatura?

No começo do século XX, jornalismo e literatura eram áreas que caminhavam juntas (COSTA, 2005). Diversos autores consagrados do mundo dos livros tiveram uma carreira extensa na imprensa. As práticas e os discursos entre as duas áreas eram tão próximos que em muitos momentos não havia como diferenciá-los. Porém, a partir da modernização das redações jornalísticas e com a substituição do padrão francês pelo padrão de escrita norte-americana, o texto de uma matéria de jornalística seguiu um caminho distinto da literatura, com a introdução da pirâmide invertida no texto – em que as informações mais importantes devem ficar no começo da matéria – e o uso do *lead* – que busca responder às perguntas “Quem?”, “Quando?”, “Onde?” “Por quê?” e “Como?” –, o que resultou numa maior busca por objetividade e imparcialidade, e no afastamento do brilhantismo da palavra, como acontece na literatura (COSTA, 2005).

A partir de então, o jornalismo passou a ter uma função pragmática com a escrita do real: a busca pela objetividade e imparcialidade ao transmitir informações cotidianas, que possuem uma temporalidade mais curta, já que os jornais são feitos diariamente. O discurso jornalístico é também pluridiscursivo, pois mantém um intenso diálogo com diversos outros discursos, como o histórico e o político. Já a literatura é considerada “a arte pela arte” (COSTA, 2005, p. 26) e detentora de um discurso que não busca um efeito pragmático.

Todavia, jornalismo e literatura convivem em uma relação de aproximação e distanciamento, em que as duas áreas “mantêm relações estreitas e fronteiras nem sempre bem definidas” (OLIVEIRA, 2009, p. 7). Em diversos momentos em alguns períodos históricos, uma área bebeu da outra, já que ambas se misturam a ponto de turvarem ainda mais as margens entre os dois campos. O maior exemplo é o *new journalism*, em que as fronteiras foram

alargadas, “adaptando técnicas ficcionais às reportagens [...], ênfase na composição das personagens e na transcendência da objetividade” (COSTA, 2005, p. 267). Nesse sentido, o jornalismo literário pode até mesmo fomentar e intensificar a prática jornalística, ao permitir que esta tenha uma visão mais extensa e não caia em repetições cotidianas, comuns do jornalismo diário.

Dessa forma, insere-se o jornalismo literário nessa composição interdiscursiva, em que as práticas jornalísticas e literárias mantêm interação:

O Jornalismo Literário é considerado, na mesma medida, uma enunciação de potencial transgressor (e, por extensão, transformador) e diferenciado de produção jornalística, quem sabe até sucedendo as tradições as quais a prática jornalística está habituada (BALTAZAR, 2017, p. 2854).

Apesar disso, algumas fronteiras precisam respeitadas, não cabendo, por exemplo, ao jornalista transformar a realidade em ficção.

Sob esse aspecto, a revista *piauí* pode ser encarada como uma representante do jornalismo literário no Brasil, uma vez que, ao dar liberdade criativa e de apuração a seus repórteres, os textos acabam por se distanciar da prática jornalística convencional (BALTAZAR, 2017), procurando olhares singulares e textos bem escritos, sem deixar de lado a preocupação com a apuração e checagem de suas fontes.

Tomando como exemplo a matéria que será analisada neste artigo, “Terra desolada”, o primeiro parágrafo diferencia-se completamente do *lead* jornalístico tradicional. Além disso, nota-se a preocupação em descrever, com minúcias, pessoas e lugares, reforçando a ideia-base da revista de sempre procurar um olhar para aquilo que foge do lugar-comum.

A CARNAVALIZAÇÃO DA PIAUÍ

O Carnaval não se observa, vive-se. Esse período de festa é marcado por algumas peculiaridades e conceitos bastantes específicos, os quais também podem ser percebidos no interior da literatura, ao que o pensador russo vai chamar de *carnavalização da literatura*. Bakhtin (2008) usa o conceito de *carnavalização* como forma de lançar um olhar para a literatura e enxergar a cosmovisão que reina absoluta durante o Carnaval.

Como já foi apontado, as reportagens feitas pela revista *piauí* vivem nessa duplicidade entre o jornalismo e a literatura, e, por conta disso, podemos lançar o mesmo olhar para o conteúdo da revista. Afinal, como demonstrado na outra seção, o jornalismo literário possui um caráter transgressivo (BALTAZAR, 2017).

Bakhtin (2008) propõe que a linguagem literária pode conter em seu discurso aspectos que se aproximam da cultura carnavalesca. Ele aponta diversos aspectos da vida social que reinam durante a “festa da carne”: a excentricidade, o aspecto livre familiar, a *mésalliance*, a profanação (BAKHTIN, 2008). Trata-se de formas que existem na linguagem carnavalesca, porém, durante o período comum da vida social, quando as pessoas se dedicam às suas vidas ordinárias, esses aspectos não se tornam evidentes. Resta esperar que o Carnaval aconteça para que as máscaras caiam, reis sejam destronados, o sagrado seja desmascarado, o feio adquira *status* de belo e o ridículo passe a ser exaltado. Para o pensador russo, a cosmovisão carnavalesca coloca o homem como se vivesse duas vidas:

Uma oficial, monoliticamente séria e sombria, subordinada à rigorosa ordem hierárquica, impregnada de medo, dogmatismo, devoção e piedade, e outra público-carnavalesca, livre, cheia de riso ambivalente, profanações de tudo o que é sagrado, descidas e indecências do contato familiar com tudo e com todos. E essas duas vidas eram legítimas, porém separadas por rigorosos limites temporais (BAKHTIN, 2008, p. 144).

O Carnaval é, portanto, o momento em que a inversão social reina e a ordem vigente deixa de existir. Hierarquia, ordem, corporativismo e individualismo caem por terra e dão lugar a um novo tempo, completamente diferente, ainda que momentâneo: “Essa limitação provisória, ao mesmo tempo ideal e efetiva das relações hierárquicas entre os indivíduos, criava na praça pública um tipo particular de comunicação, inconcebível em situações normais” (BAKHTIN, 1987, p. 9). Bakhtin (2008, p. 138) denomina esse fenômeno de *carnavalização*:

O comportamento, o gesto e a palavra do homem libertam-se do poder de qualquer posição hierárquica (de classe, título, idade, fortuna) que os determinava totalmente na vida extracarnavalesca, razão pela qual se tornam excêntricos e inoportunos do ponto de vista da lógica do cotidiano não-carnavalesco.

Um dos aspectos importantes da linguagem carnavalesca é a inexistência de ordem social preestabelecida, ou seja, no período das festividades da carne, as hierarquias são momentaneamente revogadas. Isso significa que rico e pobre, homem e mulher convivem em um contato único que não existe em nenhum outro momento da vida social regular: “Os homens, separados na vida por intransponíveis barreiras hierárquicas, entram em livre contato familiar na praça pública carnavalesca” (BAKHTIN, 2008, p. 137).

Olhando por esse prisma, ainda podemos entender que a revista *piauí* se configura como uma publicação que faz emergir histórias diversas e singulares, em que um simples dentista ou carregador tem sua história narrada da mesma forma que um político do alto escalão do governo. “Publicamos para quem gosta de ler. Vale praticamente qualquer tema. Política, literatura, economia, televisão, arquitetura, cinema, futebol, odontologia – contanto que o dentista seja interessante, ou o tratamento de canal, revolucionário”, explica a publicação em um documento voltado para anunciantes.²

É importante lembrar também que a ideia de juntar aquilo que é periférico com o aquilo que é central é um aspecto importante da essência da revista, como diz o jornalista Fernando de Barros e Silva, repórter da publicação, ao justificar a escolha do nome da revista, com o nome de um estado brasileiro:

Na origem, a revista *piauí* foi pensada tendo como referência a revista *New Yorker*, de reportagens muito longas, de fôlego, bem escritas e bem apuradas, e as condições brasileiras não eram e ainda não são ideais para isso. Então *piauí* contém uma ironia afetuosa, porque estamos na periferia do mundo, Piauí está numa espécie de periferia do Brasil e a revista está na periferia de tudo. Então a ideia era de uma revista improvável, no momento que a internet deslanchava, fazer uma revista que apostava em textos longos, ou seja, na contracorrente do que estava acontecendo no mundo (FORO DE TERESINA ESPECIAL, 2020).³

Na matéria escrita por Fabio Victor (2019), é possível perceber a confluência de pessoas dos mais diversos espectros sociais, que ganham voz na reportagem e ficam em um contato familiar e bastante próximo. Todos os que

2 O *mídia kit* da *piauí* possui breves informações sobre a forma e o interesse da publicação, porém não se considera um editorial. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/anuncio/>.

3 A afirmação foi dada durante a edição especial do podcast *Foro de Teresina*, produzido pela revista *piauí*, que foi publicado no dia 16 de maio de 2020, como comemoração pela centésima edição do programa.

são mencionados na reportagem têm uma característica própria e única, essencial para a construção do quadro narrativo. Sob esse aspecto, motorista, líderes comunitários e vendedores ambulantes são colocados com generais, ministros e professores universitários. É possível que apenas em uma reportagem desse porte fosse possível juntar tais pessoas, que, em momentos ordinários, estão envolvidas em atividades sociais diferentes. Nesse momento, o texto da *piauí* adquire um aspecto carnavalesco.

Outro aspecto fundamental da carnavalização é o destronamento daquilo que é alçado a uma categoria de clássico, sagrado ou ideal. Nesse aspecto, a linguagem carnavalesca é responsável pela derrubada desse segmento, pela sua humilhação e degradação. Isso significa que, se um discurso for considerado vital, puro, ilustre ou imprescindível, ele será rebaixado: “O destronado é despojado de suas vestes reais, da coroa e de outros símbolos do poder, ridicularizado e surrado” (BAKHTIN, 2008, p. 143).

Todavia, essa degradação não é estagnada, ou seja, a destronação não para nesse ato. Todo rebaixamento envolve uma ascensão, todo destronamento atrai uma coroação: “O carnaval é a festa do tempo que tudo destrói e tudo renova” (BAKHTIN, 2008, p. 139). Ou seja, a carnavalização é marcada pela ambivalência: ao mesmo tempo que se derruba, é necessário levantar.

A coroação-destronamento é um ritual ambivalente biunívoco, que expressa a inevitabilidade e, simultaneamente, a criatividade da mudança-renovação, a alegre relatividade de qualquer regime ou ordem social, de qualquer poder e qualquer posição (hierárquica) (BAKHTIN, 2008, p. 139).

Essa ambivalência, portanto, é inerente à linguagem carnavalesca, pois “o carnaval desconhece tanto a negação absoluta quanto a afirmação absoluta” (BAKHTIN, 2008, p. 140). Por isso, fazem parte do pensamento do Carnaval imagens totalmente contrastantes, como rico e pobre, alto e baixo, sagrado e profano, porém, como a carnavalização implica uma mudança de ordem, esses fenômenos opositivos convivem entre si de maneira harmônica e familiar.

Na matéria da *piauí*, vemos que concepções antagônicas estão colocadas no mesmo texto. Ao descrever a cidade de Porto Príncipe, no Haiti, Victor (2019) usa linguagens contrastantes para descrever lugares marcados por uma grande diferença social. Enquanto um determinado bairro é descrito como “parecido com os condomínios onde vivem brasileiros ricos, com seguranças na entrada, ruas muito limpas e casas luxuosas”, em outro local, na mesma

cidade, “a paisagem é de terra arrasada: uma feira de quinquilharias se espalha pela rua inteira, em meio a pilhas de lixo” (VICTOR, 2019). Novamente os opostos são colocados em uma relação de proximidade e convívio.

Analisando por esse aspecto ambivalente, a carnavalização pressupõe que, se um rei é destronado, outro deve ser elevado (BAKHTIN, 2008). O conceito da linguagem carnavalesca não pode ficar sem esse caráter ambivalente, pois senão ele se torna vazio, vira um rebaixamento por rebaixar, uma crítica incompleta, já que carnavalização implica a ideia de transformação (BAKHTIN, 1987). Portanto, se algo – alguma figura, um discurso ou um personagem – possui relativo prestígio na sociedade, ele pode ser destronado, para que surja um novo aspecto, uma nova composição, um rei diferente, que marcará uma nova tendência, ainda que aconteça apenas na temporariedade do texto que está expresso.

É isso que acontece na matéria da *piauí*. Se, por um lado, ficam evidentes o prestígio que o Exército brasileiro – marcado por não se envolver em praticamente nenhum conflito – conquistou com a missão no Haiti e o renome que os generais que estiveram à frente dessa missão obtiveram – a ponto de ocuparem cadeiras ministeriais, cargos importantes e serem considerados aliados de primeira ordem do presidente da República –, por outro, a reportagem mostra que tais conquistas não contam toda a verdade; afinal, muitas delas tiveram um preço alto, o que escancara todo o caráter violento, opressor e até mesmo amador das Forças Armadas. Apesar disso, fica explícito, ao final do texto, que não houve nenhum prejuízo à imagem do Brasil perante o povo haitiano, que soube separar a Missão de Paz da ONU da ideia que se tinha sobre os brasileiros como povo e nação.

Para começar, é importante indicar que o personagem principal dessa matéria não é um professor nem um membro da sociedade civil haitiana. As diversas vozes que aparecem no texto servem para construir o perfil de atuação da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (Mission des Nations Unies pour la stabilisation em Haïti –Minustah), que foi comandada pelo Exército brasileiro. A *piauí* é conhecida por fazer diversos perfis biográficos de personagens emblemáticos, sempre com um olhar curioso por algo que nunca havia tratado em uma matéria jornalística. Nesse sentido, a matéria “Terra desolada” busca evidenciar como foi a atuação da Minustah, qual papel ela exerceu no Haiti, de que forma ela atuou na sociedade caribenha e como esta enxerga essa atuação nos dias de hoje, além de buscar entender qual a repercussão dessa operação no cenário político brasileiro.

Por isso, a reportagem começa expondo o que se costuma pensar e dizer sobre a atuação do Exército brasileiro no Haiti:

Entre os brasileiros, firmou-se a imagem de que a Minustah foi um grande êxito. Logo após a volta ao país do último contingente de militares, o Exército deflagrou uma campanha cujo slogan era: “Brasil no Haiti: Um Caso de Sucesso”. Editou livros e revistas e promoveu seminários e palestras para divulgar as ações de suas tropas no Caribe. Os militares mais graduados enviados ao Haiti são tidos atualmente como a elite do Exército (VICTOR, 2019).

Seguindo a lógica da carnavalização proposta por Bakhtin, podemos dizer que nesse momento o narrador descreve o posto de elevação em que se encontra essa visão sobre a atuação do Exército, o qual adquire uma imagem de virtuosismo.

Depois, ao longo do texto, passa-se a introduzir uma série destronamentos e a ambivalência se faz cada vez mais presente. Ao mesmo tempo que o leitor ainda retém na memória informações positivas, que euforizam a atuação da Missão de Paz no Haiti, começam a sobrevir todas as problemáticas da dessa ação, como uso excessivo de força militar, o caráter violento de muitas ações, falta de estratégia, descontrole de gastos e uma possível propagação de doenças sérias – a matéria aborda a controversa epidemia de cólera que assolou o Haiti no período de atuação da Minustah, que teria sido a responsável pela transmissão da doença, até então inexistente no país caribenho – e uma falta de transparência quanto ao saldo deixado pela missão.

Porém, ao mesmo tempo que demonstra esse lado questionável da atuação militar no país, a matéria volta a mostrar também que, em muitos momentos, o Exército brasileiro conferiu uma atuação mais humana à missão em solo haitiano: “Embora o foco da missão fosse a segurança, a Minustah dedicou parte considerável de seu esforço a trabalhos humanitários. Os militares brasileiros demonstram orgulho pelas chamadas Acisos (Ações Cívico-Sociais)” (VICTOR, 2019). A matéria menciona que essas ações compreendiam “atendimentos médicos e odontológicos; distribuição de alimentos, água, medicamentos e *kits* escolares; retirada de lixo das ruas; projeções de filmes e apresentações de capoeira” (VICTOR, 2019).

O trecho mencionado mostra como a ação teve um caráter dúbio, já que, no primeiro momento, a Minustah trouxe diversas agruras para os haitianos, porém, em seguida, é demonstrado que houve um trabalho solidário em prol

do país. A matéria, ao mostrar essa dubiedade, trabalha com a ambivalência da carnavalização, de derrubar e ascender, tal como proposto por Bakhtin (2008, p. 141), ao mencionar o riso carnavalesco, que “abrange os dois polos da mudança, pertence ao processo propriamente dito de mudança, à própria crise. No ato do riso carnavalesco combinam-se a morte e o renascimento, a negação (a ridicularização) e a afirmação (o riso de júbilo)”.

Para concluir, um último exemplo de como a reportagem derruba a atuação da Minustah, evidenciando as suas problemáticas, ao mesmo tempo que eleva a imagem que ficou do Brasil como país, a qual muitos haitianos ainda mantiveram como uma admiração:

[...] Bernard Craan é também presidente da Câmara do Comércio e da Indústria e coordenador do Fórum Econômico do Setor Privado. [...] ele reconheceu aspectos positivos da Minustah: o país conseguiu realizar três eleições; a Polícia Nacional começou a ser reforçada, assim como os sistemas judicial e penitenciário. O problema, porém, foi a ausência de clareza sobre o objetivo da missão, ele observou. “Por que colocar 7 mil militares de diferentes países, sob o comando de um Exército que nunca sai do seu país, em um país em que não há guerra? Por que não se priorizou a reorganização da polícia?”, questionou. “E a questão do cólera é um escândalo, tanto pela incompetência no controle sanitário como pela tentativa de encobrir o caso e não indenizar as famílias.” Para o banqueiro, o Haiti atual “é um país pior do que em 2004”. [...] Mas, acima de tudo, o que une os habitantes do país caribenho ao Brasil é o futebol. E é graças ao prestígio dos craques – mais os do passado que os atuais – que a imagem predominantemente negativa que ficou da Minustah no imaginário haitiano se descola da imagem do Brasil como país (VICTOR, 2019).

Nesse trecho, fica evidente como ocorre o destronamento da atuação do Exército brasileiro. Primeiro, a narrativa mostra que a missão comandada pelo Exército brasileiro teve seus aspectos positivos, porém em seguida vem a humilhação, principalmente no uso da sequência “Por que colocar 7 mil militares de diferentes países, sob o comando de um Exército que nunca sai do seu país, em um país em que não há guerra?”. Porém, mesmo com todos os problemas e controvérsias apresentados no texto, a imagem do Brasil em si não foi arranhada. Muito pelo contrário, o brasileiro seguiu sendo admirado pelo povo do Haiti. O destronado foi então colocado de volta em seu pedestal.

Para finalizar, um outro aspecto da carnavalização que Bakhtin (1987) menciona é o grotesco, quando a linguagem adquire tamanho rebaixamento,

que chega ao nível de corporificação. Isso significa que a degradação vai tornar as questões mais elevadas, sagradas, ao nível do material e do corporal, bem próximo do biologismo. Na reportagem analisada, percebe-se o uso dessa perspectiva do grotesco. Em mais de uma ocasião, a linguagem se aproxima do animalesco: “Corpos foram esquartejados e queimados, alguns jogados no lixo ou oferecidos como comida a cachorros e porcos” (VICTOR, 2019). O cheiro e a presença de lixo – fruto da atuação e presença humana – também são fatores que marcam a narrativa da reportagem: “Pinard só dirige com os vidros fechados e o ar-condicionado ligado. Além de amenizar o calor, evita que penetre no veículo o cheiro acre presente em muitas áreas da cidade” (VICTOR, 2019).

CONCLUSÃO

Este artigo pretendeu analisar a revista *piauí* sob a ótica da carnavalização, tal como proposto por Bakhtin. Ao longo da análise, foi possível perceber, por meio de uma breve revisão do conceito da linguagem carnavalesca, a maneira como essa ideia se configura em uma matéria jornalística. Para isso, foi preciso compreender que essa matéria está inserida em contexto que se aproxima do jornalismo literário, uma área interdiscursiva, de aproximações de fronteiras entre o jornalismo e a literatura.

Por isso, foi possível compreender que a carnavalização também pode deixar suas marcas em um texto que, apesar de próximo do literário, busca, por meio da apuração e de uma ética jornalística (OLIVEIRA, 2009), compreender a atuação do Exército brasileiro na Missão de Paz da ONU no Haiti. Ao fazer essa narrativa, o repórter utilizou alguns aspectos da carnavalização, por meio do uso de vozes das mais diversas estirpes sociais, que tiveram parte importante na construção dessa narrativa. Além disso, percebe-se fortemente a presença da ambivalência carnavalesca de queda-redenção, de derrubada-ascensão, das personalidades consideradas de alto escalão. A matéria demonstrou que, ao contrário do que foi pregado por vários setores do Exército, a atuação brasileira foi marcada pela violência e não deixou muitos legados positivos. Apesar de a Missão de Paz ser alvo de muitas críticas, a imagem brasileira não ficou manchada, e o povo do Haiti continua admirando o país, muito por conta do futebol e da seleção brasileira. Se olharmos à luz de Bakhtin, essa narrativa se aproxima do conceito da carnavalização.

Além disso, a reportagem fez uso de um linguajar que se aproximava da ideia de grotesco, outro conceito bakhtiniano, já que, para descrever alguns lugares com precisão, o repórter precisou utilizar uma linguagem “corporificada”, que mostrasse a crueza e as condições “animalescas” em que alguns locais no Haiti estavam.

Por fim, também ficou demonstrado como a própria revista *piuí*, ao manter sua busca por histórias únicas e com um viés extraordinário, além de fazer uso das técnicas e discursos do jornalismo literário – por si só, um contraventor –, emprega linguagem carnavalesca. Ao colocar em suas páginas narrativas que fogem do lugar-comum, ela promove a emergência de histórias marginalizadas, e, portanto, a distância social entre as mais distintas classes acaba caindo por terra. Ao ser lida pelas mais diversas pessoas, a revista faz com que essas histórias se mantenham naquilo que Bakhtin (2008) chamou de lugar familiar comum.

Este trabalho procurou estabelecer uma aproximação do jornalismo literário com os conceitos de Bakhtin sobre carnavalização, mesmo não existindo uma literatura mais ampla sobre a forma como a carnavalização se faz presente no discurso jornalístico, principalmente no caso da imprensa brasileira. Apesar de ser um discurso que pressupõe práticas bem próprias, em muitos momentos parece que ele pode ser analisado à luz de Bakhtin, o que iria implicar pesquisas mais extensas sobre o noticiário e a forma como ele se configura. Este artigo, no entanto, buscou realizar uma pequena reflexão sobre a forma como a carnavalização pode ser lida em uma matéria de revista. Revista de jornalismo literário, mas, ainda assim, com aspectos noticiosos.

***piuí* magazine: the carnavalization on literary journalism**

Abstract

This article analyses the magazine *piuí* as a representative of literary journalism in Brasil, trying to understand how the concept of carnivalization, as proposed by Mikhail Bakhtin, appears in literary journalism, a genre marked precisely by the crossover between speeches of two different areas.

Keywords

Carnivalization. Literary journalism. *piuí* magazine.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BALTAZAR, I. Revista *piauí* em reflexão: um possível produto do jornalismo literário. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, 15., 2017, Rio de Janeiro. *Anais* [...]. Rio de Janeiro: Uerj, 2017. v. 2, p. 2848-2855.

COSTA, C. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904 a 2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

FORO de Teresina Especial: dois anos de coisa errada. Entrevistadores: Fernando de Barros e Silva, José Roberto de Toledo e Maria Lúcia Gaspar. *piauí*, 16 maio 2020. *Podcast*. Disponível em: piaui.folha.uol.com.br/radio-piaui/foro-de-teresina/. Acesso em: 11 jun. 2020.

OLIVEIRA, F. L. Relações entre o jornalismo literário e a revista *piauí*: uma reflexão. *Verso e Reverso*, v. 1, 2009.

VICTOR, F. Terra desolada: o que o Brasil deixou para trás no Haiti. *piauí*, Rio de Janeiro, n. 155, 1º ago. 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/terra-desolada/>. Acesso em: 25 abr. 2022.